

**REVISÕES HISTORIOGRÁFICAS:
A GUERRA DO PARAGUAI NOS LIVROS DIDÁTICOS
BRASILEIROS – PNLD 2011 ***

*Ana Paula Squinelo***

Resumo. Discuto neste artigo as Revisões Historiográficas em relação à Guerra do Paraguai e como este tema é abordado nos Livros Didáticos de História brasileiros; para tal análise 12 Coleções Didáticas de História aprovadas e recomendadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2011). Acredito que pensar nessas construções historiográficas nos leva também a refletir sobre a educação formal, isto é, como este conflito platino foi e é explicado por pesquisadores brasileiros e, ao mesmo tempo, como esse saber acadêmico foi e é transposto para os Livros Didáticos brasileiros de História. Analisar esta questão nos leva a entender muitos dos conflitos e estereótipos que há anos prevalecem nas relações entre Brasil e Paraguai; estereótipos estes que na maioria das vezes são carregados de jargões e juízos de valor que não correspondem às inúmeras tentativas de aproximação e conhecimento do “eu” e do “outro”, nesse caso Brasil e Paraguai, mutuamente.

Palavras-chave: revisões historiográficas; Guerra do Paraguai; PNLD 2011; livros didáticos de história.

**HISTORIOGRAPHICAL REVIEWS: PARAGUAY WAR ON
BRAZILIAN DIDACTIC BOOKS – PNLD 2011**

Abstract. On this article I discuss Historiographical reviews concerning Paraguay war and how this theme is approached on Brazilian Didactic Books of History; to that I analyze 12 (twelve) Didactic History Collections which were approved and recommended by National Program on Didactic Book (PNLD 2011). I believe that thinking about these historiographical constructions takes us to reflect on formal education, that is, how this Plata conflict was and is explained by Brazilian researchers and, at the same time, how this academic knowledge was and is transported to Brazilian Didactic Books of History. Analyzing this issue makes us understand many of the conflicts and stereotypes that for years have been prevailing on relations between Paraguay and Brazil; such stereotypes, most of the times, are filled with jargons and value judgments which do not correspond to the

* Artigo recebido em 10/04/2011. Aprovado em 11/05/2011.

** Professora do Departamento de História da UFMS. Campo Grande/MS.

many trials of approaching of “me” and the “other”, in this case, Brazil and Paraguay, mutually.

Keywords: historiographical reviews; Paraguay war; PNLD 2011; didactic books of history.

REVISIONES HISTORIOGRÁFICAS: LA GUERRA DEL PARAGUAY EN LOS LIBROS DIDÁCTICOS BRASILEÑOS – PNLD 2011

Resumen. En este artículo discuto las Revisiones Historiográficas en relación a la Guerra del Paraguay y cómo es abordado este tema en los Libros Didácticos de Historia brasileños. Para ello, analizo doce Colecciones Didácticas de Historia, aprobadas y recomendadas por el Programa Nacional del Libro Didáctico (PNLD 2011). Pensar en estas construcciones historiográficas también nos lleva a reflexionar sobre la educación formal, o sea, sobre cómo fue y es explicado el conflicto latino por los investigadores brasileños y, al mismo tiempo, cómo fue y es adaptado ese saber académico para los Libros Didácticos brasileños de Historia. Analizar esta cuestión nos conduce a entender muchos de los conflictos y estereotipos que desde hace años prevalecen en las relaciones entre Brasil y Paraguay, estereotipos que, por lo general, van acompañados por bromas y juicios de valor que no se corresponden a los innumerables intentos de aproximación y conocimiento del “yo” y del “otro”, en este caso, Brasil y Paraguay, mutuamente.

Palabras Clave: revisiones historiográficas; Guerra del Paraguay; PNLD 2011; libros didácticos de historia.

VERSÕES HISTORIOGRÁFICAS RECORRENTES NO BRASIL A PARTIR DO FINAL DO SÉCULO XIX

Desde o término da Guerra do Paraguai, ocorrido em fins do século XIX e, sobretudo, no decorrer do século XX, este conflito passou a ser alvo de inúmeras manipulações ideológicas, estando sujeito ao sabor das interpretações históricas que, via de regra, atendeu a contextos políticos específicos e interesses oficiais, não só no Brasil, como também na Argentina, no Paraguai e no Uruguai.

Em busca de respostas que me auxiliassem a compreender as diversas “visões” acerca da Guerra do Paraguai, realizei um levantamento historiográfico, que me permitiu concluir que do final do conflito até os dias atuais é possível estabelecer três momentos distintos que marcaram tal produção historiográfica: o primeiro abrangeu as obras escritas por

atores que foram protagonistas ou não da Guerra, compreendendo o período que vai desde o término da mesma até a década de 1960; tais obras ofereceram ao leitor a compreensão “patriótica” do conflito platino, e ao mesmo tempo, legaram uma visão pejorativa no que se relacionava à nação guarani, influenciaram ainda a escrita da história dos manuais didáticos que eram utilizados nas escolas em toda a nação brasileira¹.

Os educandos que passaram pelos bancos escolares naquela época aprenderam que a nação brasileira cumpriu “grande e significativa missão” na Guerra do Paraguai, isto é, libertou a população do “tirano” paraguaio – Francisco Solano López – que, de acordo com esses escritos, dominava e governava o Paraguai como uma propriedade particular, mantendo também a população em constante ameaça e opressão.

Muitos dos cidadãos brasileiros aprenderam seguindo essa linha de reflexão a idolatrar a Pátria a qual pertenciam como também os heróis que figuravam em seu panteão nacional; no contexto da Guerra aprenderam idolatrar Duque de Caxias, Conde d’Eu, D. Pedro II, entre inúmeros outros que se relacionam ao conflito guarani; em contrapartida foram ensinados a criar certo tipo de rancor em relação aos governantes paraguaios, e o que é mais grave, um determinado tipo de preconceito em relação a tudo que se referia e se refere à nação paraguaia. Cabe ressaltar que parte desse preconceito é mantido até os dias atuais. Como exemplo desse momento histórico, aponto obras conhecidas como as de Dionísio Cerqueira (19--?), Tasso Fragoso (1956) e Rocha Pombo (1960).

Para exemplificar essa abordagem que denomino “tradicional”, cito o historiador paranaense Rocha Pombo, autor de vários manuais didáticos que por consequência ensinou gerações de educandos que passaram pelos bancos escolares e tiveram acesso aos seus escritos. Em sua obra “História do Brasil”, Pombo (1960) atribui a causa do conflito única e exclusivamente a Solano López; para o autor:

É o ditador do Paraguai, Francisco Solano López, que vai renovar as pretensões de Rosas, de formar no Prata um grande império, rival do Brasil. Para isso preparava-se solícita, mas dissimuladamente; e só aguardava agora, um pretexto para entrar em cena.

¹ Tal afirmativa não significa que não houve estudos, pesquisas e obras que “destoaram” dessa interpretação, entretanto acabaram sendo legadas à margem do saber histórico e do público especializado ou não.

Êsse pretexto vai ser a nova intervenção do Império no Estado Oriental, em 1864.

Pombo não deixou de explicitar sua opinião sobre López; em sua obra “Nossa Pátria”, o autor fez severas acusações contra López. Para Pombo este homem era: “[...] tão cruel que ia deixando o solo, por onde fugia, juncado de cadáveres dos seus próprios amigos e até dos irmãos. Todos os que não venciam eram mortos” (1917).

Seguindo esta interpretação permeada por um severo juízo de valor em relação ao Paraguai e seu governante e, ainda, apresentando a história paraguaia por um viés narrativo, factual, político e oficial, poucas alternativas restavam para um exercício de reflexão em relação a essa explicação sobre a Guerra do Paraguai que, vale ressaltar, foi amplamente difundida e aceita como “verdade” pelos governantes brasileiros e transplantada para os bancos escolares.

O segundo momento historiográfico compreende os estudos divulgados a partir da década de 1960 e que desenvolveram uma “visão imperialista” do litígio. Esta produção tem que ser entendida levando-se em consideração o contexto no qual se inseria a América Latina, qual seja um período marcado pelas Ditaduras Militares; os escritos naquele período buscaram suscitar discussões que de certa forma viessem a questionar os governos ditatoriais, sendo assim, trataram de denunciar, entre outras questões, os excessos cometidos pelo Exército brasileiro na campanha do Paraguai, assim como gestaram uma visão da Guerra como fruto de interesses externos; à Inglaterra preocupada com o crescente desenvolvimento paraguaio coube o papel de grande manipuladora, bem como a ideia de que o desejo de Solano López de se expandir e vir a dominar a região do Prata, teria levado o Brasil, a Argentina e o Uruguai a se unirem contra o Paraguai.

Esta vertente explicativa da Guerra do Paraguai acabou por deslocar o Brasil de seu papel “salvador”, e o Paraguai de sua posição de “grande vilão”. Muitos brasileiros e demais latino-americanos tornaram-se admiradores e defensores da nação guarani ao passo que passaram a culpar a nação brasileira por todas as mazelas vividas pelo Paraguai. Afinal, passara-se a ter uma única culpada pelo litígio: a Inglaterra!

A “visão imperialista” do conflito foi permeada, sem dúvida, por uma dose de emoção e envolvimento na escrita da história, ao mesmo tempo em que nos destituía de nosso papel de sujeitos históricos, ao desconsiderar todos os problemas que envolviam o Prata, e buscar a

resposta para essas questões, em um elemento externo. Frutos dessa interpretação, cito os estudos de León Pomer (1968, 1979, 1985) e Julio José Chiavenato (1979, 1983, 1990, 1994). O primeiro, de nacionalidade argentina, lançou em 1968 a obra *La Guerra del Paraguay: Gran negocio!* dando início a este eixo interpretativo e influenciando inúmeros escritos na América Latina, inclusive os de Chiavenato; este último, brasileiro de formação acadêmica na área de Jornalismo lançou em 1979 o livro *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*, atingindo uma repercussão de extrema envergadura que marcou o contexto platino até meados da década de 1980. Cabe destacar que, apesar das novas interpretações da Guerra, a obra de Chiavenato mantém-se “atualizada” e considerada referência ainda em alguns países latino-americanos, até infelizmente em alguns espaços no Brasil.

Impactados pelas reflexões apresentadas por Chiavenato, até mesmo a academia absorveu as ideias propagadas por essa interpretação, inclusive a de um Paraguai altamente desenvolvido do ponto de vista econômico, político e social; o que, portanto, afetava diretamente os interesses e investimentos, sobretudo, econômicos da Inglaterra na região platina. Nesse sentido, Chiavenato apresenta a “nação guarani” como modelo a ser seguido pelos demais países latino-americanos; para o autor:

[...] em 1840 o Paraguai é um país sem analfabetos. Existiam naquele tempo, para uma pequena população de menos de quatrocentos mil habitantes, quatrocentas e trinta e duas escolas com vinte e quatro mil alunos. Esse dado muito bom para a época e para as circunstâncias do país chega a ser magnífico. Mais significativo que isso, porém, é que toda uma estrutura sócio-econômica atendendo plenamente os interesses populares está livre de burocratas, cortesãos e parasitas do gênero: no Paraguai só existe trabalho produtivo. Não há dívida externa – algo absolutamente impensável dentro das normas de governo de El Supremo. O país pronto para o desenvolvimento só não é pleno pelas altas taxas de juros que Buenos Aires cobra para permitir a saída de seus produtos (CHIAVENATO apud NADAI; NEVES, 1984, p. 157).

Comovidos pela narrativa de Chiavenato e, talvez desejando extirpar a culpa ou o fantasma que pairava sobre parte da população brasileira em relação a como julgávamos o Paraguai, a interpretação do autor arrebanhou adeptos e seu livro “Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai” tornou-se grande best-seller, além guia seguro para muitos intelectuais e, conseguindo também atingir em grande medida o público

não-especializado. Para a academia “Genocídio Americano”, trazia uma espécie de oportunidade de “redimir nossos fantasmas”.

O terceiro momento entre outros fatores, fruto da renovação pela qual a historiografia brasileira passou a partir da década de 1980, e, ainda em função da implantação dos Programas de Pós-Graduação na área de Humanas, foram os estudos desenvolvidos por pesquisadores, muitos deles historiadores, que munidos das “ferramentas” teóricas e metodológicas do ofício de historiador ofereceram nova visão acerca da Guerra do Paraguai. A história da Guerra que sempre buscou “mocinhos e bandidos”, “culpados e inocentes”, “vencedores e perdedores”, ganhou novas interpretações com esses estudos, tendo inclusive se aventurado pelos novos objetos, novas abordagens e novos problemas acerca da Guerra do Paraguai.

Exemplo desse momento historiográfico são as obras, por exemplo, de Moniz Bandeira (1998), Ricardo Salles (1990), Wilma Peres Costa (1996), Alfredo da Mota Menezes (1998), Maria Eduarda Magalhães Marques (1995), André Toral (2001) e Francisco Fernando Monteoliva Doratioto (1991, 1996, 2002), entre inúmeros outros pesquisadores, que se caracterizam por serem inovadoras e menos tendenciosas.

Moniz Bandeira, no início da década de 1990, apresentou outro eixo explicativo para a Guerra do Paraguai ao analisar a formação dos Estados Nacionais na Bacia do Prata, buscando as origens do conflito platino no contexto que o marcava naquele momento e, ainda, assinalando para os problemas fronteiriços e de navegação que abrangiam as nações envolvidas neste litígio. Apontou, também, aspectos diferenciados ao analisar questões relacionadas à diplomacia brasileira, sobretudo os que se referiam à Questão Christie, demonstrando que era improvável a participação britânica no que tangia a manipulação do Brasil, Argentina e Uruguai para deflagrar a Guerra, tendo em vista que a Inglaterra encontrava-se naquele momento histórico com as relações diplomáticas rompidas com o Império brasileiro.

Para Bandeira:

não se pode, absolutamente, creditar a supostos interesses da Grã-Bretanha por trás do Império do Brasil a responsabilidade pela erupção da guerra com o Paraguai, a fim de incorporá-lo ao mercado mundial, destruir um possível modelo de desenvolvimento econômico alternativo para o capitalismo e/ou buscar terras para o cultivo de algodão. Este é um teorema que nem a lógica comprova nem os fatos comprovaram. A guerra, evidentemente, acelerou a integração com o Paraguai,

como, aliás, dos outros países da Bacia do Prata, na economia capitalista, à medida que o processo de acumulação de capital, cujo centro mais importante se localiza, àquela época, na Grã-Bretanha, impunha a dissolução progressiva e contínua das formações pré-capitalistas. A integração do Paraguai, iniciada ao tempo de Carlos Antônio López, completar-se-ia, no entanto, mais cedo ou mais tarde, em função das próprias exigências internas de acumulação de capital, sem a necessidade de uma guerra, que destruiria, como destruiu, as potencialidades do mercado e de suas forças produtivas (1998, p. 131).

E, ainda:

A Grã-Bretanha não possuía, entretanto, nenhum interesse específico tão grande, nem mesmo a procura de terras para o cultivo de algodão, que justificasse a preparação da guerra com o Paraguai, mormente usando um país como o Brasil, com o qual suas relações diplomáticas estavam rompidas desde 1863 [Questão Christie] (BANDEIRA, 1998, p. 133).

Outros estudos sucederam os de Bandeira e vale pontuar as seguintes obras: a de Ricardo Salles que analisou a participação escrava na Guerra e a conseqüente formação do Exército brasileiro; a de Wilma Peres Costa que analisou com grande propriedade os impactos da Guerra do Paraguai para a nação brasileira; a de André Toral que trouxe para o campo historiográfico as “imagens” da Guerra, apresentando ao público, inclusive, uma história da Guerra por meio de “desenhos em quadrinhos”, caso da sua obra intitulada *Adeus, amigo brasileiro. Uma história da Guerra do Paraguai*; outro livro que é de extrema relevância foi organizado por Maria Eduarda Castro Magalhães Marques, *Guerra do Paraguai: 130 anos depois*, fruto de um seminário realizado na Biblioteca Nacional, no dia 23 de novembro de 1994, cuja temática foi a Guerra do Paraguai, e apresentou um significativo “balanço” das produções históricas e historiográficas da Guerra, como ainda temáticas que demonstraram preocupação com os novos temas, abordagens e objetos na pesquisa sobre a contenda que envolvem as nações platinas; as obras de Francisco Doratioto confirmaram as reflexões suscitadas por Moniz Bandeira e tiveram grande alcance, quer junto ao público especializado quer não.

Entretanto, cabe destacar que essas obras também se inserem em um contexto histórico determinado e não estão isentas das manipulações

ideológicas a que a escrita da história está sujeita. No momento em que se discutia a questão neoliberal, coube a alguns historiadores “revisitar” a Guerra, e alguns estudiosos, tidos como neorrevisionistas, acabaram por apresentar uma abordagem que privilegiou os aspectos políticos, diplomáticos, a partir de uma visão cronológica e, muitos deles alicerçados em bases documentais relacionadas ao conflito, o que de certa forma dependendo da leitura que se obtenha, acaba-se por absorver uma “visão pacífica” do conflito platino, como se a história não apresentasse momentos tensos, de rupturas e de continuidades, que nem sempre são pacíficas e desprovidas de tumultos e rompimentos.

Contudo, posso afirmar que a renovação pela qual passou a produção histórica e historiográfica da Guerra do Paraguai é inegável, e a temática, “cada vez mais atual”, continua ganhando adeptos sejam pesquisadores de formação ou curiosos instigados pelas versões, mitos e estórias que cercam a Guerra do Paraguai.

O PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (PNLD) NO BRASIL E COMO AS COLEÇÕES DIDÁTICAS DE HISTÓRIA ABORDAM A GUERRA DO PARAGUAI

No Brasil, o Ministério da Educação e da Cultura (MEC) criou o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), responsável pela seleção das Coleções Didáticas que serão aprovadas e indicadas para adoção na Educação Básica, nas diversas áreas do saber. Tais coleções são aprovadas quando atendem aos requisitos estipulados pelo MEC, quais sejam:

1. a condição de o Livro Didático auxiliar a formação de cidadãos conscientes;
2. respeito à legislação que rege o ensino público nacional;
3. a qualidade pedagógica e didática das coleções;
4. a qualidade do Manual do Professor (MP);
5. a correção das informações apresentadas aos estudantes;
6. a qualidade e adequação do projeto gráfico e estrutura editorial da coleção.

Esta avaliação é realizada por uma equipe de profissionais de cada área e a adoção das Coleções Didáticas é recomendada para três anos. O PNLD, no ano de 2010, recebeu a inscrição de 25 Coleções Didáticas na área de História, sendo que 16 foram aprovadas e nove foram reprovadas.

Assim, a comunidade escolar de acordo com seu Projeto Pedagógico e a realidade escolar têm que eleger uma Coleção Didática entre as 16 selecionadas e indicadas pelo MEC e, serão utilizadas nos anos de 2011, 2012 e 2013.

O que me preocupa neste contexto é analisar justamente quais as informações que tais Coleções Didáticas trazem sobre a Guerra do Paraguai e que devem estar em sintonia principalmente com o item 5 dos critérios estabelecidos, a saber: “A correção das informações apresentadas aos estudantes”.

AS COLEÇÕES DIDÁTICAS

Nesta reflexão, apresento algumas análises, avaliações e interpretações, acerca de 12 das referidas Coleções Didáticas², a saber:

1. HISTÓRIA – SOCIEDADE & CIDADANIA (8. Ano) – Alfredo Boulos Júnior;
2. HISTÓRIA E VIDA INTEGRADA (8. Ano) – Nelson Piletti, Claudino Piletti e Thiago Tremonte;
3. HISTÓRIA: CONCEITOS E PROCEDIMENTOS (8. Ano) – Ricardo Dreguer e Eliete Toledo;
4. TUDO É HISTÓRIA (8. Ano) – Oldimar Pontes Cardoso;
5. VONTADE DE SABER HISTÓRIA (8. Ano) – Marcos César Pellegrini, Adriana Machado Dias e Keila Grinberg;
6. HISTÓRIA EM DOCUMENTO: IMAGEM E TEXTO (8. Ano) – Joelza Ester Domingues Rodrigues;
7. HISTÓRIA: DA INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS AO NOVO IMPERIALISMO (8. Ano) – Leonel Itaussu Mello e Luís César Amad Costa;
8. NAVEGANDO PELA HISTÓRIA (8. Ano) – Silvia Panazzo e Maria Luísa Vaz;
9. HISTÓRIA TEMÁTICA: TERRA E PROPRIEDADE (8. Ano) – Conceição Cabrini, Roberto Catelli Junior e Andrea Montellato;
10. PROJETO RADIX: HISTÓRIA (8. Ano) – Cláudio Vicentino;
11. SABER E FAZER HISTÓRIA (8. Ano) – Gilberto Cotrim;

² As Coleções Didáticas estão devidamente referenciadas no final do artigo.

12. HISTÓRIA EM PROJETOS (8. Ano) – Conceição Oliveira, Carla Miucci e Andrea Paula.

Das 12 coleções que elenquei para a elaboração desta investigação, dediquei-me a análise da temática relacionada à Guerra do Paraguai e, infelizmente pude averiguar ainda grande distanciamento entre o saber produzido na academia e sua transposição enquanto saber didático.

Ou seja, embora algumas das Coleções tangenciem a discussão em torno dos avanços acerca das explicações relacionadas ao conflito platino, acabam ainda por incorrer em uma escrita da história que privilegia há décadas uma explicação da Guerra do Paraguai, alicerçada em cânones tradicionais e, como já mencionado, revisados e ultrapassados no interior da academia.

Nesse sentido, após a análise dos textos, posso afirmar que a questão central apontada na análise da Guerra, apresenta uma visão narrativa, política, militarista e cronológica do conflito, como também estão centradas em explicações relacionadas às causas e consequências do conflito platino para cada país envolvido.

Enfatizam as questões de limites e de navegação como outros fatores que seriam responsáveis pela eclosão da Guerra, bem como a questão em torno do aprisionamento do navio Marquês de Olinda.

Via de regra, os autores das Coleções Didáticas iniciam o tópico da Guerra do Paraguai pelo eixo explicativo relacionado, como já mencionado, a problemas de navegação, de limites fronteiriços, de relações diplomáticas, acordos assinados e rompidos e, por fim, os interesses em território “inimigo”. Apresentam também ao educando uma sequência de episódios militares e de personagens históricos, sem oferecer as conexões necessárias ao aluno para refletir, analisar e compreender a temática em questão.

A Coleção Didática “História: conceitos e procedimentos”, dedicada aos estudantes do 9º ano, no tópico intitulado “A Guerra do Paraguai”, apresenta os problemas diplomáticos, de navegação e de fronteiras como elementos responsáveis pela eclosão do conflito:

A navegação pelos rios da bacia do Prata era fundamental, pois garantia o acesso mais fácil a províncias como a de Mato Grosso.

Na década de 1850, tropas brasileiras envolveram-se em confrontos no Uruguai e na Argentina, ajudando os

oposicionistas locais a derrotar os governantes uruguaio e argentino – respectivamente, Manuel Oribe e Juan Manuel Rosas. Essas intervenções demonstram o interesse do governo brasileiro em manter no poder governos que fossem seus aliados e não criassem obstáculos à livre navegação nos rios da bacia do Prata.

[...]

Em 1864, o governo brasileiro realizou nova intervenção no Uruguai, apoiando a derrubada de Aguirre e a instalação de um novo governo, sob o comando de Venâncio Flores. O Paraguai, aliado de Aguirre, rompeu relações diplomáticas com o governo brasileiro. Em seguida, ordenou o aprisionamento de um navio no rio Paraguai (DREGUER; TOLEDO, 2006, p. 48-49).

Os autores dessa coleção reforçaram ainda a ideia de um Paraguai altamente desenvolvido. De acordo com Dreguer e Toledo:

Desde meados do século XIX, o Paraguai vivia um processo de desenvolvimento econômico, com a criação de indústrias, a implantação de estradas de ferro e a expansão da produção agrícola. Visando ampliar esse processo, o governo paraguaio procurou garantir o livre acesso ao Atlântico, sem quaisquer restrições, pelos rios da bacia do Prata (2006, p. 48).

Na avaliação do autor da coleção “História: sociedade e cidadania”, no item “Consequências da Guerra do Paraguai”, este conflito legou resultados significativos, principalmente para Brasil e Paraguai:

O **Paraguai** perdeu a maior parte de suas indústrias, 140 mil quilômetros quadrados de seu território e mais de 200 mil pessoas. Apesar disso, manteve a independência.

O **Brasil** incorporou vastos territórios, garantiu a navegação fluvial com o sul do Mato Grosso e manteve a liderança na região platina. Os custos da guerra para o país, no entanto, foram altos. Segundo as fontes oficiais, morreram na Guerra do Paraguai 23 917 pessoas, mas há pesquisas que estimam em até 100 mil o número de mortos.

A dívida externa brasileira cresceu, devido aos empréstimos tomados, sobretudo aos banqueiros ingleses, que tiveram lucros extraordinários com a guerra. O governo brasileiro teve de aumentar a emissão da moeda, provocando uma inflação que atingiu duramente a população pobre. Os gastos com a guerra foram enormes: 614 mil contos de réis, 11 vezes o orçamento do governo brasileiro em 1864 (BOULOS Jr, 2009, p. 241).

Em relação às imagens incorporadas ao texto, os autores lançam mão de pinturas tidas como ícones de episódios da Guerra; entretanto vale ressaltar que geralmente eram resultado de encomendas oficiais e pintadas por autores comprometidos com o governo, como por exemplo, as obras de Pedro Américo (*A batalha do Avaí*); além do renomado pintor são apresentadas obras de Vitor Meireles (*Tomada de Curuzú*), de Edoardo de Martino (*A batalha naval do Riachuelo*), de João Batista Catagneto (*Reprodução de uma das batalhas travadas na região Platina, na qual a corveta brasileira foi cercada por navios inimigos*) e, as de Candido López (*Travessia do Rio São Joaquim, no Paraguai, por tropas argentinas; Vista do interior da fortaleza de Curuzú; Fuerte de Curuzú; Assalto das 2ª Coluna Brasileira a Curupaiti; Enfermaria com soldados feridos na Guerra do Paraguai*).

O problema em torno das imagens é que as mesmas são utilizadas como elementos ilustrativos do texto e, não como elementos que poderiam levar o educando ao ato reflexivo e analítico. As imagens já “são apresentadas” ao leitor por meio de suas legendas, o que não permite ao professor e ao aluno “indagá-las”, isto é, lançar mão das perguntas básicas que se deve fazer ao analisar/trabalhar com imagens: Como? Por quê? Quem? Já viram? Data? O que representam? etc.

Os autores recorrem ainda a outros recursos, como por exemplo: fotografias; quadros sinópticos; quadros cronológicos; mapas; gravuras; caricaturas produzidas no *front* de guerra; charges; ilustrações publicadas em jornais dos países envolvidos no conflito; citam trechos de obras relacionadas à Guerra do Paraguai; trechos de “músicas” na maioria das vezes produzidas no teatro de operações; notícias de jornais da época, assim como documentos oficiais do período que abrangeu o conflito.

Por outro lado, a maioria dos autores das Coleções Didáticas não explorou o universo multifacetado dos sujeitos históricos envolvidos no conflito: mulheres, negros, comerciantes, esposas, filhos, prostitutas etc; o cotidiano do conflito; e a relevante questão de que a guerra em si não é uma “aventura”; quais os interesses envolvidos? E a quem pertencem tais interesses?

A coleção “Vontade de saber História” foi a única em que os autores apresentaram breve reflexão sobre a presença das mulheres na Guerra; no item intitulado “As mulheres na Guerra” pontuaram que

As mulheres participaram ativamente da Guerra do Paraguai. Entre elas havia mães, esposas, comerciantes e escravas, que muitas vezes pegaram em armas para socorrer os feridos durante as batalhas. Além de cuidar das crianças que as

acompanhavam, elas preparavam a comida e cuidavam da roupa dos oficiais e dos soldados (DIAS; GRINBERG; PELLEGRINI, 2009, p. 164).

E sugerem aos educandos a leitura de um trecho escrito em 1870, pelo General brasileiro Dionísio Cerqueira:

Nas linhas de atiradores que combatiam encarniçadas, vi [as mulheres] mais de uma vez aproximar-se dos feridos, rasgarem as saias em ataduras para lhes estancarem o sangue, montá-los na garupa dos seus cavalos e conduzi-los no meio das balas (Apud DIAS; GRINBERG; PELLEGRINI, 2009, p. 164).

Ao lado dos três parágrafos é apresentada uma gravura datada de 1865, de uma brasileira que lutou na Guerra do Paraguai. Entretanto, os autores perdem a oportunidade de propiciar uma reflexão crítica e analítica por parte dos alunos, na medida em que ao pedir a devolutiva deste item relacionado “As mulheres na Guerra”, na parte destinada às Atividades e intitulada Exercícios de compreensão, propõem a seguinte questão: “16) Como foi a participação das mulheres na Guerra do Paraguai?” (DIAS; GRINBERG; PELLEGRINI, 2009, p. 166).

Esta questão aliada às outras referentes à Guerra, quais sejam: “13) Explique os principais motivos que provocaram a Guerra do Paraguai; 14) Como eram formadas as tropas brasileiras que lutaram na Guerra do Paraguai; 15) Como era organizado o Exército Brasileiro antes da Guerra do Paraguai? E depois?” (DIAS; GRINBERG; PELLEGRINI, 2009, p. 166), me parecem deixar poucas opções de um aprendizado significativo para o aluno, ao mesmo tempo que o deixa desprovido de qualquer tentativa de compreender as relações que se estabelecem entre esses países na atualidade.

Outro aspecto da Guerra, apresentado aos educandos, se relaciona à formação dos Voluntários da Pátria, entretanto os autores insistem na explicação tradicional de como esse corpo de Voluntários foi formado, omitindo inclusive o quanto este era heterogêneo e muitas vezes enfatizando “os benefícios” que o voluntariado trazia ao negro escravo: a possibilidade de alforria ao retornar ao Império brasileiro; isso aliado ao fato de poucos indagarem que esses negros oriundos de uma sociedade escravagista foram lutar contra um país no qual não havia mão-de-obra escrava. Acabam muitas vezes por tangenciar de forma “panfletária” a formação dos Voluntários da Pátria.

Em relação às versões recorrentes sobre a Guerra do Paraguai no Brasil, a obra “Saber e fazer história” apresenta um quadro sintético explicando em cinco parágrafos as três vertentes explicativas do conflito (COTRIM, 2005, p. 194), baseada no conhecido texto do historiador Boris Fausto (1994) sobre a Guerra do Paraguai; entretanto, o autor não dialoga com o aluno sobre essas versões; e, o que ainda chama atenção é que embora o autor tenha abordado essa temática das versões historiográficas da Guerra, no “Box Pensando e Conferindo”, solicita ao aluno que: “Comente as **causas** e **consequências** da Guerra do Paraguai para o Brasil e para o Paraguai” (COTRIM, 2005, p. 196).

Embora conheçamos a máxima “quantidade não é qualidade” questiono como apresentar um tema complexo como a Guerra do Paraguai e, fazer com que este conhecimento seja significativo e aplicável para o aluno, utilizando-se de cinco parágrafos. É o caso da Coleção “História Temática: terra e propriedade” (CABRINI; CATELLI Jr; MONTELLATO, 2009), que no Item “Guerra do Paraguai (1864-1870)” aborda os aspectos relacionados à fronteira, à navegação, à questão do charque na região do Prata e, também, o aprisionamento do navio Marquês de Olinda como estopim da Guerra e, o desfecho da mesma. Apresenta ainda a pintura de Pedro Américo, *A Batalha do Avaí*, sendo que esta acaba por cumprir uma função meramente ilustrativa de uma batalha ocorrida durante a Guerra, mas não foi abordada pelas autoras no texto.

O mesmo ocorre com a coleção “História e Documento: imagem e texto” (RODRIGUES, 2009); no tópico intitulado “Guerra do Paraguai e a criação do Exército Brasileiro”, explicam o conflito em cinco parágrafos: apresentam um quadro com a cronologia das campanhas militares na Bacia do Prata, uma caricatura de Angelo Agostini, um mapa com o palco da Guerra e duas fotos; a autora propõem aos alunos a análise de três documentos, relacionados respectivamente a: 1) análise de um mapa apresentando o teatro de operações no qual se desenvolveu a Guerra; 2) análise de um trecho de *Reminiscências da campanha do Paraguai*, obra do escritor Dionísio Cerqueira; e, 3) um documento sobre a formação do Exército Brasileiro. Finaliza com três questões a serem respondidas pelos alunos; questões estas relacionadas à política externa brasileira; ao significado da derrota para o Paraguai; e, como a Guerra teria influenciado os combatentes brasileiros.

Em relação a essas duas Coleções Didáticas surpreendeu-me o teor da escrita, tendo em vista que as mesmas se propõem a análises diferenciadas da história tradicional, sendo essas enunciadas no próprio

título das Coleções: “História Temática” e “História em Documento: imagem e texto”; sugerem um rompimento com a História Política-Positivista-Tradicional-Cronológica.

Dois outros temas são abordados em algumas das Coleções, os que se referem à questão da formação da Identidade Nacional brasileira e o fato de os militares voltarem “ávidos” e ciosos do direito de participação no cenário político do Império brasileiro. A questão da Identidade Nacional, do Fortalecimento do Exército Brasileiro, da Abolição da Escravatura, do fim da Monarquia e da Proclamação da República “pululam” em meio aos textos, sem a preocupação com as mediações necessárias para a compreensão desse conjunto de fatores que levou a um novo quadro sócio-político-econômico e militar, não só no Brasil, como nos outros países Platinos.

COLEÇÃO DIFERENCIADA: É POSSÍVEL A APLICAÇÃO DE UMA PROPOSTA INOVADORA?

Das Coleções Didáticas analisadas, ao meu ver, a única que se apresenta com uma proposta diferenciada, tanto nos aspectos didáticos, de conteúdo, de uso de fontes variadas, de metodologia, como também na proposta de seus exercícios, é a coleção intitulada “História em projetos”, de autoria de Carla Miucci Ferraresi, Maria da Conceição Carneiro de Oliveira e Andrea Paula dos Santos (2009).

Vários são os aspectos que se pode destacar nesta coleção, desde a característica principal que é a relacionada à proposta em si, até a formatação das atividades e exercícios propostos aos alunos.

O tema da Guerra do Paraguai é abordado no Capítulo 14, denominado “Imagens do caos: Como e por que lutamos no maior conflito vivenciado em território sul-americano?”, e a esta temática são dedicadas 19 páginas, da 175 a 194; em termos quantitativos é a coleção que mais dedicou “espaço” ao conflito platino.

As autoras guiam os alunos a partir de um “Itinerário”, no qual se estabelece um “Ponto de partida”, “Uma orientação no tempo e no espaço” – categorias essas importantes para o estudante no processo de aprendizagem -, seguida de uma “Parada 1”, que é destinada à análise de documentos escritos ou não, fazendo com que o aluno pense, reflita e comece a elaborar seus argumentos e visão sobre o conflito, o que é reforçado na “Parada 2” e na “Parada Final”. Após os alunos construírem

um quadro sobre a Guerra do Paraguai, as autoras apresentam um Panorama sobre a Guerra, que permite ao educando relacionar tempo e evento/fato histórico; a proposta finaliza no tópico “Ponto de chegada da Unidade 2: projeto”, na qual é proposto aos alunos uma divisão por temas e, estes são discutidos, debatidos, votados até que se chegue a uma “conciliação de posições”.

Importante ressaltar que nesse “Itinerário”, as autoras colocam o **aluno** como **sujeito** do seu saber, isto é, por meio dos exercícios, das atividades, das discussões e da **mediação** do **professor** o estudante constrói o seu conhecimento sobre o tema em questão, o seu saber histórico.

Interessante pontuar que o “Ponto de partida” segue de questões relacionadas ao tempo presente; as autoras refletem como acontecem as relações atuais entre Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina; apresentam uma foto da Ponte da Amizade (Brasil) e, Ponte Presidente Strossner (Paraguai), propiciando o debate em torno de como são essas relações comerciais, fronteiriças e, sugere também uma pesquisa sobre o Mercosul.

Apresentar uma temática partindo das questões postas no tempo presente e, buscando suas relações com o tempo passado não é uma tarefa fácil, seja para o educador, seja para o educando, mas permite que os alunos façam as conexões entre os fatos passados e presentes, compreendendo a realidade na qual se insere e, portanto, tornando o aprendizado relevante, aplicável e significativo.

Do ponto de vista metodológico, as autoras propõem o trabalho com questões a serem pesquisadas a partir da leitura de trechos de documentos, assim como a elaboração de painéis pelos alunos com temas relacionados à Guerra do Paraguai; apresentam ainda textos com explicações diferentes sobre o Paraguai e sugerem exercícios para que o aluno reflita em relação aos mesmos e, adquira ferramentas para elaborar seu próprio texto a partir de sua compreensão, interpretação e conclusões.

Trabalhando com documentos os mais diferenciados (imagens, documentos escritos ou não, mapas, fotos, quadros, gravuras, pinturas etc), as autoras abordam temas diversificados que leva o aluno a refletir sobre os diversos aspectos do conflito, como por exemplo, o cotidiano dos soldados, as caricaturas produzidas por Brasil e Paraguai no *front*, os extratos sociais que participaram na Guerra, as relações contemporâneas entre os quatro países envolvidos no conflito, entre tantos outros.

Nesse sentido, a proposta se diferencia, pois propicia ao educando “dialogar” com os diferentes tipos de documentos e interpretações sobre o conteúdo selecionado, neste caso, a Guerra do Paraguai, o que permite ao educando pela interação com os documentos escritos ou não, aliada às propostas a serem desenvolvidas que são instigantes, reflexivas e analíticas, a construção do seu conhecimento histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração que a maioria das Coleções Didáticas está alicerçada em cânones tradicionais que explicam a Guerra do Paraguai, por um viés de uma História Militar (com ênfase principalmente nas batalhas e heróis), Narrativa (Causas, Desenrolar e Consequências), Política e de fundo Positivista, como também, as questões geopolíticas, de fronteiras, diplomáticas, políticas etc já explicitadas ao longo desta reflexão, apresentam ainda questões que comprometem o aprendizado do aluno como: a) os exercícios que em sua maioria são dirigidos, não propiciando o desenvolvimento da crítica, análise e reflexão; b) não estabelecer relações com o presente das nações envolvidas no conflito: Paraguai, Argentina, Uruguai e Brasil; c) não estabelecer relações com as questões relacionadas ao Mercosul; d) não propiciar ao aluno reflexão, crítica e entendimento do conflito de forma a problematizá-lo, o que é relevante, sobretudo para as nações platinas; e) não se preocuparem com o exercício relacional entre presente e passado históricos.

Sendo assim, após a leitura atenta do item sobre a Guerra do Paraguai das Coleções Didáticas citadas e, ao pensar no exercício da pesquisa acadêmica e do saber e fazer docente, muitas dúvidas suscitaram em relação a vários aspectos sobre o conflito platino que foram ocultados intencionalmente ou não na escrita da história, a saber: a) Qual a relevância na contemporaneidade para Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, estudarem, pesquisarem e compreenderem as intrincadas relações da Guerra do Paraguai? b) Sendo o Livro Didático e a Educação Formal à base de desenvolvimento de uma nação por que e como a Guerra do Paraguai é apresentada nos Livros Didáticos dos países envolvidos neste conflito? c) O que nossos alunos e acadêmicos estão aprendendo sobre a Guerra do Paraguai e com quais objetivos? d) Por que ainda nos fixamos nas causas e consequências da Guerra? e) Qual memória estamos construindo desses países?

Resta-me, ainda, algumas dúvidas em relação ao porquê então estudamos a Guerra do Paraguai, na medida em que: a) não procuramos entender o sentido para os países nela envolvidos; b) não buscamos a compreensão de nosso desenvolvimento histórico-sócio-cultural e econômico; c) não realizamos as conexões necessárias ao entendimento das questões relacionadas ao Mercosul; e, finalmente, d) não propiciamos ao educando a compreensão dos eventos históricos de nosso passado latino-americano, o que nos levaria a nos conhecer e a conhecer o outro e, também responderia muitas questões postas em nosso presente.

Reconheço que o cotidiano de uma sala de aula é afetado por inúmeras variantes: carga horária pequena, principalmente na área de História, sobrecarga de aulas, livros didáticos como único instrumento do saber, despreparo do docente, a burocracia que toma um significativo tempo, os interesses mercadológicos, entre tantas outras questões que poderíamos elencar.

O que é fato, entretanto é que o conteúdo que se relaciona a Guerra do Paraguai como exposto nesta reflexão é falho, tendencioso e alçado em uma visão já ultrapassada pela academia. Fica o desafio de encarar as renovações historiográficas pela qual passou os estudos da Guerra em suas diferenciadas facetas e, tornar para o educando ao entendimento e à incorporação desse saber como algo significativo para o entendimento de uma parte importante da história de nosso país e de nossos países vizinhos.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Moniz. *O expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai, da colonização à Guerra da Tríplice Aliança*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan; Brasília: Ed. UnB, 1998.
- BITTENCOURT, Circe. *Saber didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (História da Educação).
- CERQUEIRA, Evangelista de Castro Dionísio. *Reminiscências da campanha do Paraguai, 1865-1870*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, [19--?].
- CHIAVENATO, Julio José. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- _____. *Os voluntários da pátria e outros mitos*. São Paulo: Global, 1983.
- _____. *A Guerra contra o Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. *A Guerra do Paraguai*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1994.

- COSTA, Wilma Peres. *A espada de Dâmocles*. O exército, a Guerra do Paraguai e a crise do Império. São Paulo: Hucitec; Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *A Guerra do Paraguai: 2ª visão*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. *O conflito com o Paraguai*. A grande guerra do Brasil. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. *Maldita Guerra*. Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FAUSTO, Boris. A Guerra do Paraguai. In: FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1956. (5 volumes).
- GASPARELLO, Arlette Medeiros. *Construtores de identidade: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira*. São Paulo: Iglu, 2004.
- GATTI JÚNIOR, Décio. *A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)*. Bauru-SP: EDUSC; Uberlândia-MG: EDUFU, 2004.
- GUIA de Livros Didáticos: PNLD 2011: *História*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.
- MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães (Org.). *A Guerra do Paraguai: 130 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- MENEZES, Alfredo da Mota. *Guerra do Paraguai: como construímos o conflito*. São Paulo: Contexto; Cuiabá: Ed. UFMT, 1998.
- NADAI, Elza; NEVES, Joana. *História do Brasil*. Da Colônia à República. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1984.
- PAIVA, Eduardo França. *História & Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. (Coleção História &... Reflexões, 1).
- POMBO, Rocha. *Nossa Pátria*. Rio de Janeiro, 1917.
- _____. *História do Brasil*. Revista e atualizada por Hélio Vianna. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.
- POMER, Leon. *La Guerra del Paraguay: Gran negocio!* Buenos Aires: Ediciones Caldén, 1968.
- _____. *Os conflitos da Bacia do Prata*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

_____. *Paraguai: nossa guerra contra esse soldado*. 2. ed. São Paulo: Global, 1985.

SALLES, Ricardo. *Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *Livros didáticos de Geografia e História: avaliação e pesquisa*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

SQUINELO, Ana Paula. *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...ensino, memória e história de um conflito secular*. 2. ed. Campo Grande-MS: UCDB, 2003.

_____. *A Guerra do Paraguai ontem e hoje: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (1868-2003)*. 2006. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de História Social, 2006.

TORAL, André. *Adens, amigo brasileiro*. Uma história da guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Imagens em desordem: a iconografia da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

COLEÇÕES DIDÁTICAS

BOULOS Jr, Alfredo. *História: sociedade e cidadania*. 8. Ano. São Paulo: FTD, 2009. (Coleção História: sociedade & cidadania).

CABRINI, Conceição; CATELLI Jr, Roberto; MONTELLATO, Andrea. *História Temática: terra e propriedade*. 8. Ano. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção história temática).

CARDOSO, Oldimar Pontes. *Tudo é história*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2009.

COSTA, Luís César Amad; MELLO, Leonel Itaussu A. *História: Da Independência dos Estados Unidos ao novo imperialismo*, 8. Ano. São Paulo: Scipione, 2009.

COTRIM, Gilberto. *Saber e Fazer História*. 7. Série (8. Ano). 3. ed. rev. São Paulo: Saraiva, 2005.

DIAS, Adriana Machado; GRINBERG, Keila; PELLEGRINI, Marco César. *Vontade de saber história*. 8. Ano. 1. ed. São Paulo: FTD, 2009. (Coleção vontade de saber).

DREGUER, Ricardo; TOLEDO, Eliete. *História: conceitos e procedimentos*. 8. Série (9. Ano). 1. ed. São Paulo: Atual, 2006.

FERRARESI, Carla Miucci; OLIVEIRA, Maria da Conceição Carneiro de; SANTOS, Andrea Paula dos. *História em projetos*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2009.

PANAZZO, Silvia; VAZ, Maria Luíza. *Navegando pela história*. 9. Ano. São Paulo: Quinteto Editorial, 2006. (Coleção navegando pela história).

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino; TREMONTE, Thiago. *História e vida integrada*. 8. Ano. 4. ed. São Paulo: Ática, 2009.

RODRIGUES, Joelza Ester Domingues. *História em documento: imagem e texto*. 8. Ano. Ed. renovada. São Paulo: FTD, 2009. (Coleção história em documento: imagem e texto).

VICENTINO, Cláudio. *Projeto Radix: história*. 8. Ano. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção projeto radix).

